

XX Semana de Educação da Pertinência Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16 A 20
NOVEMBRO
DE 2024



Pra tombar, pra emancipar: o labor das artes frente as demandas contemporâneas

Thiago Santos de Jesus*¹, Núbia Regina Moreira¹

¹ Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

* lee_thiago@hotmail.com

Trabalhos completos – GT 02 – Etnia, Gênero e Diversidade Sexual

RESUMO

Em contexto geral, quando se busca informações acerca das produções artísticas na contemporaneidade e se toma nota de quem está ocupando a cena através das mídias sociais em tempos atuais e de polaridades políticas, é notório a considerável participação de artistas negros e lgbtqiapn+ ocupando a cena, lançando mão de suas próprias narrativas, desobedecendo a lógica racista e indo na contramão das leituras apequenadas e acachapantes por parte de uma sociedade brancocentrada e cisheteropatriarcal. O texto traz à tona o trabalho de algumas artistas negras, lgbt+ e dissidentes enquanto estética e poética para pensarmos a importância de abandonar os estigmas negativos acerca dessas produções, e em como ocupar as mídias sociais produzindo ativismo, arte e discurso político, trazendo uma produção jequeense para despertar a reflexão das pessoas a respeito das suas posturas nas relações com pessoas dissidentes e representar, incluir e consumir os trabalhos de sujeitos que historicamente tiveram seus saberes e criações invisibilizados, como também seus direitos de acessos negados.

Palavras chave: artes; dissidência; ativismo

Venho por meio desta escrita, trazer à tona a importância de descolonizar o pensamento sobre questões ligadas ao ensino das artes e a negritude, desde os desejos repentinos até as nossas buscas programadas, quais referências nos vem à tona para tratar simples questionamentos do repertório humano, quando o assunto é arte, por exemplo? De cara, o que paira no nosso imaginário? Quem são as pessoas que são autorizadas a pensar, conduzir e grafar as artes nesse país, qual a cor elas têm? E sobre o ensino das mesmas, quais são as referências?

Eu me questiono sobre o ensino, afinal, sou professor de teatro, por formação, e sempre foi uma questão que me deixava inquieto, ou seja, o quanto a formação do meu curso de graduação esteve baseada majoritariamente nas referências da canonização eurocentrada, sobrevivendo numa cidade predominantemente negra e plural.

XX Semana de Educação da Pertença Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16 A 20
NOVEMBRO
DE 2024



Sou bacharel em artes pelo IHAC-Ufba 2018, onde também me formei no curso de licenciatura em teatro pela mesma universidade no ano de 2023. No meio do curso de teatro, me deparo com uma matéria optativa na época, que estaria sendo oferecida pela primeira vez e se chamava “teatro da diáspora”. O título me atraiu bastante, juntamente com o nome dos professores e das pessoas convidadas a ministrar o componente, fiquei provocado e quis cursá-la.

Com nomes como o de Licko Turle, Alexandra Dumas, Mônica Santana e Fernanda Silva, dos nomes citados, uma professora efetiva da Etufba, um professor substituto e duas artistas de renome na cena preta de Salvador, realmente estava sentindo que seria uma experiência bem cara a de cursar tal matéria, e foi. A partir daquele contato, as coisas mudaram em meus caminhos.

Diante da componente, éramos atravessados a ler muitas narrativas de mulheres negras e confesso que antes desse ensino eu não as conhecia. A partir do momento que começo a imergir nas produções das feministas negras, onde lendo, me reconheço diante de uma narrativa que me catapulta a repensar e analiticamente reposicionar as assimetrias de nossa sociedade, enquanto sujeito que produz ferramentas através das artes, percebo que posso ser capaz de instigar uma sociedade sem violência direcionada a marcadores sociais de gênero, raça e sexualidade, por intervenção do meu trabalho.

Minha autonomia, pelo menos me percebendo enquanto sujeito capaz de produzir reflexão acerca de minha posição na sociedade, como alguém capaz de elaborar essa pesquisa, por exemplo, ocorre a partir do momento em que entro em contato com a escrita da pensadora Carla Akotirene (2019).

Venho de uma realidade bastante cerceada e de uma criação com toques de severidade, o que decorre, na minha percepção, por ter uma performance dissidente. Durante minha trajetória, fui silenciado e inclinado a agir com subserviência, para atender a uma conduta que se parecesse com a dos meninos da minha idade, o que eu acabava extrapolando, por ter uma performance que

XX Semana de Educação da Pertinência Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16 A 20
NOVEMBRO
DE 2024



escapava a esperada no comportamento dos meninos, carregado por trejeitos que se assemelha normalmente ao comportamento das meninas.

Um dos aspectos mais destrutivos da homofobia, na cultura como um todo e na vida negra em particular, é a erosão da base do amor-próprio, tão necessária para a construção da auto-estima positiva. Dada a homofobia generalizada, todos os jovens negros gays que vivem em diversas comunidades negras estão em risco. Eles arriscam sua auto-estima sendo agredidos diariamente por um mundo heterossexual que deseja negar-lhes igual acesso a uma humanidade complexa e a uma série de escolhas sobre como viver e agir no mundo (Hooks, 2001, p. 201)

Trago como uma das referências a escrita de Akotirene, a fim de denunciar as lesões causadas por parte de condutas cisheteropatriarcais e brancocentradas que me foram atravessadas, deixando marcas a ponto de me colocar em dúvida se sou capaz de me perceber enquanto alguém que produz reflexão e possuiria instrumentalização necessária para se produzir um produto artístico ou mesmo uma pesquisa.

Sendo assim, julgo necessário que pessoas acidentadas pelas atrocidades de uma sociedade patriarcal, sejam capazes de analisar a opressões e possam requerer reposições nesta sociedade, a fim de garantir cidadania e a permanência dos direitos e deveres inerentes à responsabilidade de um cidadão. E acredito que a arte pode ser uma aliada nessa investida, ao menos em estimular que esse sujeito, antes refém das violências, agora consciente a tal ponto de ressignificar o contexto a sua volta e recriar sua própria narrativa.

O objetivo desse texto é despertar a reflexão das pessoas a respeito das suas posturas nas relações com pessoas dissidentes e representar, incluir e consumir os trabalhos de sujeitos que historicamente tiveram seus saberes e criações invisibilizados, como também seus direitos de acessos cerceados.

Metodologia

Incentivado pelas obras de escritores e artistas negros e lgbt+ que lançam mão de ocupar a cena com as suas obras artísticas, produzi e estarei lançando um material audiovisual em linguagem de cinema intitulado "Eu, sempre existiu". O

XX Semana de Educação da Pertinência Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16 A 20
NOVEMBRO
DE 2024



curta-metragem foi contemplado pelo edital Som e Imagens do Sertão de Jequié, via Lei Paulo Gustavo e Secretaria de Cultura do município de Jequié no ano de 2023. O produto foi executado e será lançado no ano de 2024.

“Eu, sempre existiu” é um projeto de produção, lançamento e divulgação de um curta-metragem musical ou álbum-visual, escrito por mim em parceria da intelectual, feminista negra, escritora e professora doutora em literatura e cultura pela Ufba, Glauce Sousa. O curta-metragem musical/álbum visual é um conceito híbrido de videoclipe com cinema, que além de promover as músicas, toma emprestado formatos e técnicas cinematográficas para conceder uma aura mais artística e conceitual ao trabalho.

As músicas do álbum geram um filme, média-metragem ou curta-metragem, criado geralmente para promover o álbum e as músicas ou simplesmente como produto artístico. O projeto nasceu a partir de minha percepção enquanto artista de que esse trabalho poderia despertar um senso de pertencimento e ao mesmo tempo, encorajar o público que é nordestino, interiorano, situado no território jequeense a olhar criticamente o cenário artístico local, em busca de resignificação ao que se refere à visibilização e acessos a espaços artísticos-culturais.

A faixa 1 cujo título “Eu, sempre existiu” traz à tona a cosmovisão e a reflexão sobre um sistema que busca engaiolar sujeitos dissidentes. A canção é uma legítima reivindicação de um sujeito desviante pelo direito de existir, pela condição de humanidade e pela busca da sua libertação, explora a imaginação e a reflexão crítica para contar no espaço-tempo a cosmovisão do artista diante dos lugares onde transita: o Teatro Municipal de Jequié (espaço por onde já passaram vários artistas, palco de grandes eventos e de estímulo da criação, mas que encontra-se desativado, localizado numa avenida central da cidade, lugar de expressão criativa das minhas subjetividades, que por ter crescido naquele lugar e possuir formação em teatro, dialoga constantemente com esse espaço), a sorveteira do Cine auditório (anexo ao Teatro Municipal de Jequié, espaço

XX Semana de Educação da Pertinência Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16 A 20
NOVEMBRO
DE 2024



acachapante de minhas subjetividades, onde trabalho semanalmente e onde convivo com pessoas de várias cores e de classes sociais diversas, que me agridem na posição de atendente de sorveteria).

A faixa 2, intitulada, “Cabocla Jequié”, conta a história da cidade de Jequié, com uma narrativa que percorre alguns dos seus bairros como Barro Preto, Caixa D'água e São Luiz, a fim de expressar as insurgências e as diferenças entre os sujeitos que os ocupam, acionando ao mesmo tempo, questionamentos sobre o cumprimento dos sonhos dos nossos ancestrais. A narrativa fílmica deste conteúdo será rodada tomando como enredo as faixas do álbum, e a concepção desse produto terá como eixo temático a narrativa de um artista negro, LGBTQ+ cujos demarcadores de gênero e sexualidade são atravessados por uma dissidência em relação ao modelo masculino e heteronormativo.

Quem ocupa a cena, quero nomes para espalhar e me espelhar!

Segundo (Louro, 2001), A Teoria queer é um termo usado por Teresa de Laurentis em uma conferência em 1990 sobre a sexualidade de gays e lésbicas. Antes, a categoria acusatória/estigmatizada 'queer', sem tradução para o português, foi apropriada pelo movimento social anti-assimilacionista americano diante da pauta mais conservadora do Movimento Gay. Hoje em dia, a teoria parte da pluralidade da diversidade de identidades encontradas na sociedade, é, por isso, uma teoria que questiona os conceitos de identidades essencializadas, voltando-se não somente para as identidades mais marginalizadas, como também aos processos de construção e desconstrução identitárias, revendo conceitos de poder da divisão binária dos sexos/gêneros.

Chama-me bastante atenção a forma como alguns artistas vêm ocupando as redes sociais em tempos atuais, sobretudo os artistas queer, que vivem a dissidência, assunto pelo qual vem a me apetecer enquanto artista, mas sobretudo, enquanto indivíduo.

Acredito que meu tema tenha relevância, pois se trata de um assunto recorrente, discorre um pouco sobre a metodologia utilizada pelos corpos em

XX Semana de Educação da Pertinência Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16 A 20
NOVEMBRO
DE 2024



dissidência e destaca a força da arte lançando mão da negritude nos espaços e nas mídias digitais para propor resistência e se fortalecer enquanto linguagem e epistemologia, no que se refere ao ensino e aos padrões de conhecimento.

Entende-se como corpo dissidente, todo corpo que discorda e que diverge da maioria. Nesse caso, se opõe a normas heterossexuais, cisgêneras e da branquitude. Trago a intenção de dar visibilidade a trabalhos de artistas pretas, pois além de estudá-las e ser incentivado pelas tais, o intuito é enfatizar as manifestações de uma população que vive estigmatizada na marginalidade, onde as mesmas, em suas produções, já se encontram inseridas num movimento de contrafluxo diante das leituras acachapantes, vistas por um único prisma de uma sociedade branca e cisheterocentrada, reproduzindo uma cena dissidente que rompe a barreira do binarismo, revelando bem mais potencialidades do que a própria ideia cristalizada de dicotomia, no que diz respeito ao gênero e as sexualidades.

Em Salvador, me chama bastante atenção o trabalho de um coletivo chamado Afrobapho, onde as membras discutem questões relativas à identidade de ser jovem, LGBTQIA+, negros, dissidentes e moradoras de periferia. O grupo é um espaço destinado à visibilidade de vozes marginalizadas na intersecção entre raça, gênero e sexualidades, numa perspectiva de luta dos negros, e busca servir como espaço para a discussão dos problemas e das prioridades, assim como proporcionar a divulgação das pautas e das causas das bixas pretas e faveladas, através de conteúdos como textos de opinião, ensaios fotográficos e produtos audiovisuais (Santos; Freitas, 2019).

Diega Pereira, estudante de Direção Teatral da Escola de Teatro da Ufba, percorre a Bahia e o país com a sua performance "Corpos que caem" utilizando através de suas ações a reflexão sobre esse corpo negro, mestiço e quilombola, não binária e desprezível. A performer lança mão do imaginário e, na cena, recria símbolos e saberes fundantes a sua comunidade quilombola, do mocambo "Mumbuca" em Bom Jesus da Serra – BA, Diega evoca o poder de ligação entre o

XX Semana de Educação da Pertinência Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16 A 20
NOVEMBRO
DE 2024



seu trajeto e a narrativa de suas mulheres ancestrais. A artista não abre mão de explorar a performance em conexão com a música, a pintura, o cheiro, a textura e as movimentações, características essas bem presentes em produções africanas e afro-brasileiras.

Outra artista ativista na militância LGBTQ+, preta e dissidente é a cantora e performer Linn da Quebrada, com muitos acessos nas redes sociais e agenda lotada de shows nacionais e internacionais, Linn carrega sua mensagem por onde passa, se afirmando enquanto artista. Ela é outra que utiliza das mídias sociais e tende a atingir uma grande massa, contudo, sem ser necessariamente algo universalizante e, por isso, tem crescido notoriamente em diversos ramos de pesquisa.

Segundo (Colling, 2019), a expressão Artivismo é utilizada tanto por algumas pessoas artistas quanto por pesquisadoras para se referir a determinadas produções artísticas que possuem propostas políticas mais explícitas, onde além de compreender as intersecções entre gênero e sexualidade, as pessoas e os coletivos dessa cena no Brasil têm produzido seu artivismo também atacando o racismo, o capacitismo, a pobreza e várias outras questões que produzem a subalternidade e a precariedade.

Ambos os trabalhos artísticos mencionados contribuem com questões sobre o protagonismo da "bixa preta" (termo que gostamos de utilizar, e acreditamos ser político, afirmativo). Nos ensina sobre a necessidade dos afetos e do amor, da ligação ancestral, do autoconhecimento e da importância de se enxergar com carinho e de buscar valorização pessoal.

É uma característica quase que presente no trabalho de artistas ativistas negros e lgbt+ as mensagens de autoestima, sem contar a versatilidade artística e a criação de poéticas e conceitos bem atuais e até novos para se pensar arte, visualidades e expressividade.

Pessoas abandonando o estigma da marginalização limitada, cerceada de viver o amor-próprio e os afetos, se dirigindo no contrafluxo do que está posto,

XX Semana de Educação da Pertinência Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16 A 20
NOVEMBRO
DE 2024



produzindo reflexão e escrita metodológica para existir e resistir, ocupando os espaços e as redes com suas próprias narrativas, se fazendo formativas e eficientes ao público que as consome, denunciando o racismo, a lgbtfobia e as múltiplas formas de opressão.

Nesse sentido, reitero a importância das bixas pretas, como eu, ocuparem espaços onde sexualidades e gêneros desviantes não são aceitos e da responsabilidade em apresentar um discurso contundente e consciente de suas demandas por direitos e liberdade.

Percebo conteúdo pedagógico na sistematização dos trabalhos dessas artistas mencionadas acima, onde faço questão de trazê-las no intuito de inflamar uma percepção acerca de suas práticas, que naturalmente são negligenciadas, afinal, numa sociedade supremacista branca, com resquícios de colonialidade bem marcados, ainda, pouco se sabe sobre a narrativa que envolve o trabalho de artistas pobres, negras e marginalizadas em comparação a produções da branquitude.

Considerações Finais

Com esse projeto artístico, pretendo conectar uma mensagem ao meu público. A grande finalidade é que esse público se sinta estimulado a refletir e a debater sobre as suas subjetividades a respeito das suas identidades marcadas pelo gênero, sexualidade, raça e classe e os entraves com os quais se depara.

Enquanto sujeito lgbt+, baiano de Jequié e que se manifesta a partir das artes, sendo vetor das demandas de minha comunidade enquanto sujeito social, pertencente a ancestralidade de um quilombo urbano, utilizando a negrura, perpassado pela identidade étnica desse tempo, segundo (Hall, 2003) que o paradoxo se desfaz quando se entende que a identidade não é fixa e é um lugar que se assume, uma costura de posição e contexto, e não uma essência ou substância a ser examinada. Pretendo utilizar o meu labor artístico para me comunicar através do amor, reconhecendo em minha assinatura a possibilidade de resistir através dos afetos, através de símbolos e características que traduzam

XX Semana de Educação da Pertinência Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16 A 20
NOVEMBRO
DE 2024



uma narrativa que traga a tona corpos que transitam os espaços seguramente para além das margens e de visões que nos inclinam ao infortúnio, a violência e a incapacidade, algo que não é necessariamente trago em nossas escrituras, mas uma visão impregnada que é pré-concebida por um sistema racista, lgbtfóbico e classista e que pouco será capaz de traduzir nossos saberes.

Enquanto isso, artistas e coletivos da cena ativista apostam nos produtos culturais para produzir novos processos de subjetivação, capazes de sensibilizar e modificar as percepções que as pessoas possuem em relação às dissidências sexuais e de gênero. Além disso, explicam as sexualidades e os gêneros para além dos binarismos, com duras críticas às perspectivas biologizantes, genéticas e naturalizantes. Em boa medida, as pessoas que integram essa cena parecem entender que as identidades são fluidas e que novas identidades são e podem ser criadas, recriadas e subvertidas permanentemente. Para verificar isso, basta observar como essas pessoas, em suas obras e em suas demais intervenções públicas, seja na imprensa ou nas suas redes sociais, possuem uma imensa variedade de formas de se autoidentificar em relação a gênero e sexualidade, tema sobre o qual tratarei adiante. As pessoas dessa cena também rejeitam a ideia de que, para serem respeitadas ou terem direitos, as pessoas devam abdicar de suas singularidades em nome de uma "imagem respeitável" perante a sociedade. Isso porque as produções artísticas dessas pessoas não fazem concessões para se adaptar às normas de gênero e sexualidade. (Colling, 2019, p. 24).

Referências

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamilia Ribeiro).

BARBOSA, Onisajé Fernanda Júlia. **AFROGRAFANDO A CENA – um estudo sobre a poética do NATA**. Cadernos do GIPE-CIT. Salvador (BA): UFBA/PPGAC, 2017. **Cadernos do GIPE-CIT**: Grupo Interdisciplinar de Pesquisa e Extensão em Contemporaneidade, Imaginário e Teatralidade/Universidade Federal da Bahia. Escola de Teatro. Programa de Pós - Graduação em Artes Cênicas. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/gipe-cit/article/view/35411>>.

COLLING, Leandro. **Artivismos das dissidências sexuais e de gênero**. Salvador: EDUFBA, 2019.

XX Semana de Educação da Pertença Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16 A 20
NOVEMBRO
DE 2024



ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. da. **Etnografia: Saberes e Práticas**. ILLUMINURAS, Porto Alegre, v. 9, n. 21, 2008. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/9301>>.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HOOKS, bell. **Salvation: black people and love**. New York: HarperCollins Publishers, 2001.

LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

SANTOS, Ariel Dorneles dos; DUQUE, Tiago. **“EU GOSTO MESMO É DAS BIXAS”**: REFLEXÕES SOBRE IDENTIDADE AO SOM DE LINN DA QUEBRADA. ReDoC Revista Docência e Cibercultura, Mato Grosso do Sul, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 13–37, 2019. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/re-doc/article/view/40522>>.

SANTOS, Lucas de Matos; FREITAS, Ricardo Oliveira de. **Lacre Político: midiativismo dissidente do coletivo Afrobapho**. Salvador: Contexto, 2019.